



TECNOLOGIAS SOCIAIS E SUSTENTABILIDADE SOCIOBIODIVERSAS DESENVOLVIDAS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO NORTE DO ESTADO DO TOCANTINS

DIAS, Suila Maria Rocha¹; **MEDEIROS**, Olivia Macedo Miranda²

RESUMO

A pesquisa desenvolvida na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia (TO), teve como objetivo compreender as tecnologias sociais presentes em seu cotidiano, destacando os saberes tradicionais como formas de resistência e sustentabilidade. Por meio de observação participante, entrevistas e oficinas, foi possível acompanhar práticas conduzidas por mulheres, como o uso de plantas medicinais, o preparo de alimentos em fogões a lenha e a tecelagem. Essas atividades revelam modos de vida que unem tradição e inovação, fortalecendo vínculos identitários e comunitários. Os resultados mostram que as tecnologias sociais quilombolas vão além da subsistência, expressando valores de reciprocidade, memória e autogestão. A aproximação entre universidade e

¹ Graduanda em História. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas. suila.dias@ufnt.edu.br.

² Professora Doutora da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), atuando no Colegiado de História, no Programa de Pós-graduação em Cultura e Território (PPGCULT - UFNT) e no Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em História (PROFHistória - UFNT). olivia.cormineiro@ufnt.edu.br



comunidade permitiu o diálogo de saberes e o fortalecimento da autonomia quilombola. Conclui-se que as tecnologias sociais da Comunidade Dona Juscelina reafirmam a ancestralidade e a resistência como caminhos de sustentabilidade e dignidade.

Palavras-chave: Tecnologias sociais; Quilombo Dona Juscelina; Sustentabilidade. Biointegração; Economia substantiva.

I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

As tecnologias sociais, entendidas como soluções coletivas para inclusão social e melhoria da qualidade de vida (Bava, 2004), constituem o eixo central desta pesquisa, desenvolvida junto à Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia–TO. O estudo buscou compreender como produtos e processos cotidianos se relacionam com práticas de sustentabilidade sociobiodiversas, revelando estratégias que articulam resistência, inovação e saberes tradicionais. A comunidade, formada desde o povoamento do município, representa um espaço onde tradição e inovação coexistem, sobretudo nas práticas conduzidas pelas mulheres. O uso de plantas medicinais, o preparo de alimentos em fogões a lenha e a fiação não se configuram apenas como técnicas de subsistência, mas como formas de organização social que fortalecem vínculos com a ancestralidade e reafirmam a resistência cultural diante dos desafios contemporâneos. Inserida nas Ciências Humanas, a pesquisa dialoga com as áreas de tecnologias sociais, sustentabilidade, bioeconomia e políticas públicas, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 10, 12 e 15). A relevância do estudo está na valorização dos saberes quilombolas enquanto patrimônio vivo e na demonstração de como suas práticas constituem alternativas concretas de sustentabilidade. Além de contribuir para a produção científica, fortalece o diálogo

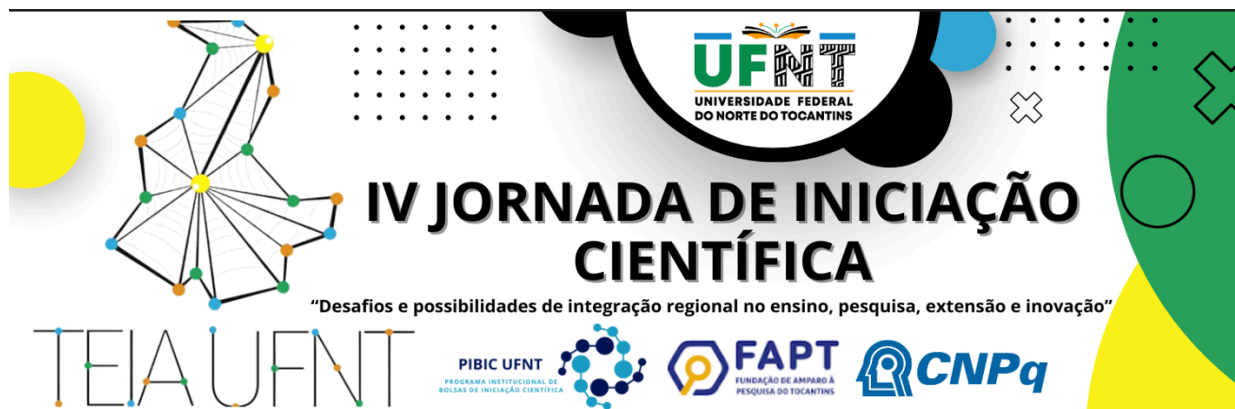


entre universidade e comunidade, reafirmando o papel da universidade pública na construção de conhecimentos comprometidos com demandas sociais, articulando ensino, pesquisa e extensão.

II. BASE TEÓRICA

Para esta investigação, partimos da definição de Quilombo proposta por Alfredo Wagner Almeida (2011), que o compreende como um instrumento político e social voltado à constituição e legitimação de novas identidades étnicas. Nessa perspectiva, o quilombo é uma forma viva e mutável de organização coletiva, recriada nas lutas e práticas cotidianas. Assim, a Comunidade Quilombola Dona Juscelina é entendida como espaço de afirmação identitária, onde os modos de vida expressam resistência, memória e recriação. Essa concepção dialoga com a de Nêgo Bispo (2023), cuja noção de saber orgânico e de biointeração permite compreender as tecnologias sociais quilombolas como expressões de autonomia e continuidade de epistemologias ancestrais, formadas na relação com a natureza e na recusa aos modelos coloniais. O pensamento de Karl Polanyi (2000) contribuiu para situar essas práticas dentro da economia substantiva, na qual a produção e a troca se baseiam na reciprocidade e na domesticidade. O trabalho das mulheres, voltado prioritariamente ao uso e ao bem comum, expressa uma forma de economia que tem o mercado como acessório e as relações sociais como centro. O conceito de tecnologia social, formulado por Silvio Caccia Bava (2004), também orientou a análise, ao definir essas tecnologias como práticas e formas de organização coletiva que promovem inclusão e melhoria da qualidade de vida.

Por fim, o método da observação participante foi fundamentado em Maria Luisa Sandoval Schmidt (2006), que propõe uma relação de sujeito-sujeito na produção do conhecimento. Essa abordagem possibilitou compreender os saberes da



comunidade não como objeto de estudo, mas como experiências compartilhadas, construídas na escuta, na convivência e no diálogo com as mulheres quilombolas.

III. OBJETIVOS

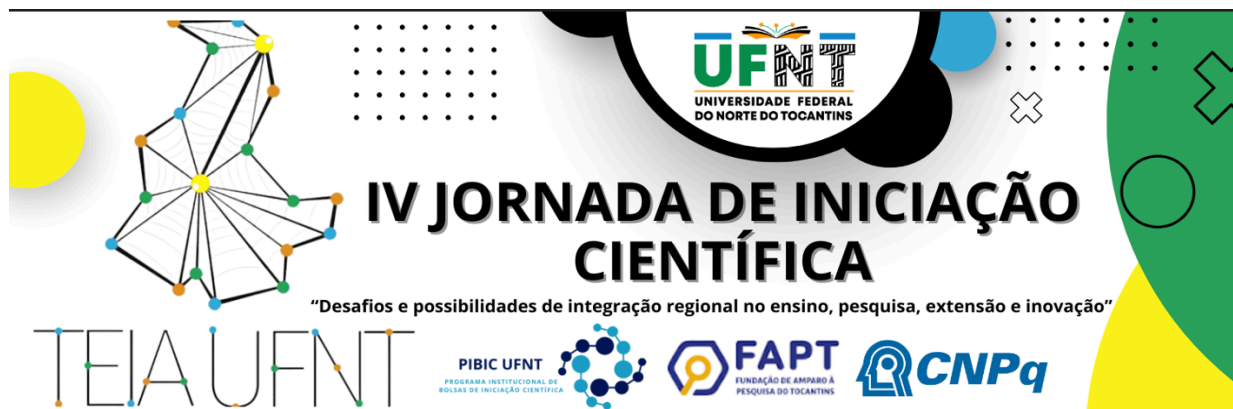
Objetivo Geral: Investigar as tecnologias sociais desenvolvidas na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, compreendendo as relações entre seus produtos, processos e as práticas de sustentabilidade sociobiodiversa da comunidade.

Objetivos específicos:

- Identificar e mapear as tecnologias sociais presentes na comunidade.
- Analisar, por meio da observação participante, como a escolha de materiais, matérias-primas e processos se relaciona às concepções e práticas de sustentabilidade locais.

IV. METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa adotou a abordagem participante, compreendida como uma forma de produção de conhecimento que envolve a inserção do pesquisador no campo e o diálogo direto com os sujeitos da pesquisa (Schmidt, 2006). Essa metodologia foi essencial no contexto da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, pois os saberes tradicionais só puderam ser compreendidos plenamente por meio da convivência, da escuta atenta e da participação nas atividades cotidianas. A observação participante foi realizada em diferentes momentos, permitindo acompanhar práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais, ao manejo de recursos e às formas de organização coletiva. Na segunda etapa, a pesquisa incorporou entrevistas semiestruturadas, reuniões e oficinas, como a palestra “Do quintal ao laboratório” (28/06/2025), ministrada pela bióloga Laíse Pereira, e a oficina de xarope (30/08/2025), conduzida por mulheres quilombolas. Esses encontros reafirmaram a oralidade como meio central de transmissão de



saberes e fortaleceram a memória coletiva sobre o uso das plantas medicinais. As entrevistas possibilitaram compreender como práticas como o uso do fogão a lenha e a tecelagem se relacionam com estratégias de sustentabilidade e resistência. Assim, a metodologia não se restringiu ao registro das práticas, mas buscou compreendê-las a partir de uma relação dialógica entre pesquisadora e comunidade, reconhecendo os quilombos como espaços de afirmação identitária e política.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As visitas de campo, oficinas e entrevistas com as mulheres quilombolas revelaram um conjunto de tecnologias sociais que estruturam os modos de vida da comunidade. Fogões a lenha ou carvão, remédios à base de plantas medicinais e práticas de fiação e tecelagem integram um mesmo sistema de saberes em que memória, economia e ancestralidade se entrelaçam. Essas práticas expressam a economia substantiva de Polanyi (2000) e o saber orgânico descrito por Nêgo Bispo (2023), construído na interação com a natureza e na resistência a modelos coloniais. No campo da saúde, os remédios naturais ocupam lugar central, sustentados por um conhecimento transmitido entre mulheres. As narrativas de Dona Marina e Dona Luiza demonstram tanto a eficácia percebida, como no uso da meracilina para febre, quanto o cuidado com as doses, revelando um saber vivo e refinado pela experiência. Esse conhecimento orienta uma autogestão da saúde, em que os medicamentos caseiros são preferidos em muitas situações, sem excluir os farmacêuticos, dialogando com a noção de biointeração de Nêgo Bispo (2023), que valoriza a relação com a natureza em oposição à cosmofobia colonial. O mesmo respeito pelos ciclos naturais se observa no uso dos fogões a lenha, alimentados por galhos secos ou restos de árvores caídas. Essa prática se opõe à exploração predatória e afirma o princípio de coletar apenas o necessário. Os fogões emergem



como tecnologia central, articulando autossuficiência doméstica e, de modo acessório, o mercado (POLANYI, 2000). O protagonismo feminino é evidente: enquanto Dona Marina afirma que “é as mulher” quem faz os fogões, Dona Luiza relata uma divisão de tarefas na qual o marido ergue a estrutura e ela organiza o uso. Mesmo com colaboração masculina em etapas pontuais, as mulheres detêm o conhecimento sobre eficiência, economia e adequação do espaço, reforçando a gestão feminina da economia doméstica e a inventividade comunitária, visível também em soluções como o fogão a carvão improvisado em lata ou a produção de carvão em caieiras, que complementam a renda familiar.

Na fiação e tecelagem, a produção de redes no tear ilustra a economia da reciprocidade, como no trabalho “na meia”, em que o produto é dividido entre famílias. Essa prática fortalece vínculos sociais e reflete a lógica da ajuda mútua, em contraste à troca mercantil. O fuso, muitas vezes herdado, é guardado como patrimônio afetivo e conecta a prática à memória ancestral. Contudo, há sinais de descontinuidade, como a dificuldade de acesso ao algodão e a ausência de jovens nas reuniões, o que ameaça a transmissão geracional dos saberes, aspecto que dialoga com a crítica de Nêgo Bispo (2023) à hegemonia do saber sintético, que tende a substituir práticas locais por produtos mercantis.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada junto à Comunidade Quilombola Dona Juscelina evidencia que as tecnologias sociais não apenas respondem a necessidades práticas, mas revelam uma forma de existir e resistir. Ao longo das análises, ficou claro que esses saberes expressam uma lógica própria, em que a economia se ancora nas relações sociais e o conhecimento se constrói no envolvimento com a natureza e com a ancestralidade. Mais do que instrumentos de sobrevivência, o fogão a lenha, os



remédios caseiros e o tear se apresentam como símbolos de autonomia e dignidade, reafirmando o protagonismo feminino e a força política da coletividade quilombola. Reconhecer e valorizar essas práticas é afirmar que há outras formas possíveis de sustentar a vida, baseadas não na ruptura, mas na continuidade dos laços comunitários e na potência da memória. Nesse sentido, ao sistematizar e analisar esses conhecimentos, a pesquisa demonstrou que tais práticas se constituem como tecnologias sociais que desafiam a lógica colonial e mercantil, sustentadas pela reciprocidade, pela economia substantiva e pela biointeração com a natureza.

VI. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Os Quilombos e as Novas Etnias. Manaus: UEA Edições, 2011.
- BAVA, Silvio C. Tecnologia social e desenvolvimento local. In: BAVA, Silvio C. Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- POLANYI, Karl. A grande Transformação – As origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. Psicologia USP, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.

VII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Universidade Federal do Norte do Tocantins